



LÍNGUA(S) E PASSE

Elisabete Thamer

Foi uma opção da nossa Escola desde a sua criação: os cartéis do *passee* são internacionais, portanto, plurilíngues. Desde o início de nossa experiência comum do *passee*, nós nunca derogamos essa opção. Inovadora com relação à invenção de Lacan de 1967, essa escolha levanta questões sobre o *passee* e sua relação com a língua, com as línguas, com *lalíngua*. O que é a transmissão no *passee*? Quais são seus limites? O que um cartel deve cingir? As traduções são uma perda ou um ganho para o *passee*? Quais são as consequências dessa diversidade de línguas no dispositivo do *passee* para o trabalho de Escola?

O *passee* é uma experiência de transmissão, uma tentativa, para aquele que nele se arrisca, de passar para a Escola, aquilo que o levou assumir o lugar de analista. Ora, o *passee*, assim como a análise, não possui outro *medium* senão a palavra e, como nesta última, é fundamental que o passante testemunhe aos passadores em uma língua que eles compartilhem. Mas compartilhar uma língua garante por si só uma transmissão “fiel”? Nada é mais incerto: “Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela”¹.

Diferentes elaborações de Lacan, todas cruciais para o *passee*, apontam para os limites da linguagem e da fala articulada: “aporia de sua demonstração”, dizia ele². Aporia quanto ao desejo (incompatível com a fala³, inclusive o do analista), aporia quanto ao objeto, quanto ao ato (no qual o sujeito é subvertido), quanto ao real, quanto ao gozo opaco do sintoma, quanto ao dizer que ex-siste aos ditos... Como apreender, então, em cada testemunho de *passee*, naquilo que nele se diz, o que escapa à trama da linguagem? Trata-se, em última instância, de uma questão de língua?

Nenhuma língua, em si mesma, pode garantir uma transmissão sem falhas. As elaborações de Lacan sobre a *lalíngua* tornam isso evidente. Sempre singular, *lalíngua* – da qual é feito o inconsciente⁴ – não pode ser reduzida a uma certa língua: “*lalíngua* nada tem a ver com o dicionário, seja ele qual for”⁵. Podemos compartilhar mais ou menos uma língua, mas em nenhum caso uma *lalíngua*.

Em nossa Escola, o *passee* implica sua parcela de tradução. Em primeiro lugar, a do próprio passante, que deve encontrar as palavras para dizer aquilo que *ele sabe, consigo*. Há, em seguida, a “tradução” que o passador faz daquilo que ouviu para transmiti-lo ao cartel. E, por fim, a tradução do testemunho recolhido para as línguas faladas pelos membros do cartel. Essa marchetaria de línguas em torno de um testemunho favoreceria ou seria um obstáculo à apreensão da lógica dos ditos e de suas consequências?

O plurilinguismo no dispositivo do *passee* favorece, do ponto de vista prático, uma maior flexibilidade na composição dos cartéis e ajuda a criar vínculos de trabalho de Escola em nível internacional. *Língua(s) e passee* é um tema que condensa, ao mesmo tempo, o que há de mais estrutural e singular na experiência do *passee* e a dimensão política da nossa Escola. Esperamos que este encontro seja a oportunidade para refletir e compartilhar os diferentes aspectos de nossa opção inicial.

¹ J. Lacan, “O Aturdido”, *Outros Escritos*, Zahar, Rio de Janeiro, 2003, p. 448--92.

² J. Lacan, “Discurso na Escola freudiana de Paris”, *Outros Escritos, ibid.*, p. 268.

³ J. Lacan, “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, *Escritos*, Zahar, Rio de Janeiro, 1998, p. 647.

⁴ J. Lacan, *O seminário, livro 20, Mais ainda*, Rio de Janeiro, Zahar, 2008, p. 148.

⁵ J. Lacan, *Estou falando com as paredes*, Rio de Janeiro, Zahar, 2011, p. 9.